

Marta García Fernández

DE NOITE IREMOS

*Reflexões bíblicas
sobre o Tríduo Pascal*



EDITORIAL AC

Título original

De noche iremos

© Editorial Sal Terrae

Grupo de Comunicación Loyola

Maliaño (Cantabria) – España

ISBN 978-84-293-3089-2

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progreso e Vida

Depósito Legal

528409/24

ISBN

978-972-39-0980-7

Fevereiro de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Introdução

Estas reflexões bíblicas, para o Tríduo da Semana Santa, tiveram a sua origem no Centro Pignatelli, dirigido pelos jesuítas de Saragoça. Esta iniciativa tão bonita remonta aos anos setenta e, pelo que pude saber, deve-se a uma sugestão do ilustre biblista e jesuíta Luis Alonso Schökel. Durante mais de quarenta anos, foram-se desenrolando de modo presencial, exceto nos dois anos da pandemia. Em 2022, voltou-se novamente a este formato e, neste contexto, fui convidada a oferecer uma reflexão matinal na Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa e Sábado Santo.

Devo dizer que fiquei impressionada, não só pelo número de pessoas presentes, mas também pela perceção de uma comunidade eclesial viva e coesa. Como agradecimento pelo acolhimento que me foi feito e também pela boa aceitação das reflexões oferecidas, e dado o desejo expresso por alguns participantes

de poderem dispor delas, pareceu-me conveniente publicá-las. Embora tenha corrigido e completado com algumas notas as intervenções originais, preferi manter um estilo direto, como é próprio da comunicação oral, visto terem sido concebidas assim.

Os dias de maior densidade espiritual, em que haveria muito que dizer, são, provavelmente, os dias mais complicados para falar, em parte porque as palavras parecem pobres e as abordagens insuficientes perante o abismo de amor contido nesse denso mistério que celebramos: o Tríduo Pascal. São abordagens que, a grande custo, assomam à cascata de vida que se nos entrega a jorros. Precisamos não só que a reflexão nos salpique, mas nos mova a encontrar coragem para mergulhar nesse mar de amor incomensurável.

Por outro lado, o facto de conhecermos o relato, de termos percorrido milímetro a milímetro cada gesto, cada palavra, cada símbolo, e isto durante anos, pode produzir um efeito de *spoiler*. Sabemos como se desenrola e como termina a história. E já poucas coisas nos surpreendem. Ainda mais, podemos ter a tentação de reciclar experiências passadas, de viver

Introdução

dos rendimentos, de limpar o pó superficial da nossa relação com Deus, esquivando-nos a fazer uma limpeza geral. Ou de confinar essa relação a esquemas monótonos e enfadonhos que controlamos, sem nos chegarmos a deslumbrar perante o espetáculo da imensa ternura divina, capaz de ir até ao extremo.

Para evitar tais dificuldades, ao longo das reflexões destes três dias, entre tudo o que se poderia dizer, optei por propor especialmente um imaginário de Deus menos conhecido. Não sei se tiveram a possibilidade de ler o famoso romance de William Paul Young, *La Cabana*. Trata-se de uma espécie de *thriller* que fala do encontro do ser humano com Deus. No turbilhão de uma situação dramática e dolorosa, são abordadas as perguntas que toda a gente faz a si própria sobre Ele. No fim do livro, Deus Pai, Filho e Espírito Santo são representados de forma inaudita. Desse modo, este autor tenta arrancar o leitor aos esquemas repetidos, conhecidos e comprovados que tendemos a projetar em Deus.

Pois bem, logo com os títulos que condensam o conteúdo de cada dia tentei provocar essa reação. «O Baixíssimo», epígrafe que pre-

side à reflexão de Quinta-Feira Santa, provém de uma surpreendente biografia de Francisco de Assis, escrita por Christian Bobin. «Onde morre a morte» evoca uma magnífica poesia de Francisco Brines que, além do mais, serve de título a um poemário póstumo. A partir dela, tecerei a reflexão sobre Sexta-Feira Santa. Por último, «Ver uma voz» é um oxímoro que tomo emprestado da Bíblia (cf. *Ex* 20, 18.22; *Ap* 1, 12), tendo por finalidade traçar o processo espiritual e vital que se desenrola durante o longo Sábado Santo.

A reflexão parte da apropriação dos textos bíblicos, o que implica não só uma exegese de secretária, sempre necessária e muito útil, mas também uma exegese vital e amadurecida ao longo da existência, tão ou mais imprescindível do que a primeira. Ora, esse ponto de partida encontra-se em estreita relação com a meta final, que é ajudar a penetrar na deliciosa ternura do amor de Deus, que se dá até ao extremo, e alimentar com a palavra a comunidade eclesial, de tal modo que cresça em amor divino e em comunhão interna, sentindo o desejo premente de se converter numa Igreja em saída, testemunha da experiência de um

Introdução

Deus vivo e chamada à causa do Reino e da sua justiça.

Agradeço ao Centro Pignatelli, na pessoa de Jesús María Alemany, a possibilidade de participar da vida da comunidade cristã ali reunida, a sua confiança na minha pessoa e o amável acolhimento que recebi.

MARTA GARCÍA FERNÁNDEZ

Capítulo primeiro

O BAIXÍSSIMO

Reflexões para uma Quinta-Feira Santa

Estas reflexões pretendem orientar e ajudar a viver cada um dos dias que compõem o Tríduo Pascal. A conhecida canção de Maite López, muito apropriada para este dia, «Amando até ao extremo», reúne e sintetiza o meu desejo: que nesta Quinta-Feira Santa «olhemos bem para dentro de Cristo», «entremos no seu coração» e, assim, «aumente em nós o desejo de querer ser como Ele».

Numa palavra, a nossa vontade de viver a passagem de Deus pelas nossas vidas de uma forma nova enraíza-se na vontade de Jesus que, segundo as palavras do evangelista Lucas, se exprime assim: «Tenho desejado ardentemente comer esta Páscoa convosco» (*Lc 22, 15*). Deus também o deseja. Também Ele tem uma sede enorme de estar connosco. Como fez com aquele núcleo restrito de amigos, Ele quer tornar-nos participantes e testemunhas da passagem mais importante da sua vida. Jesus anseia por partilhar com cada um de nós o salto transcendental que vai dar até mergulhar de novo no seio do Pai,

legando-nos para sempre a última gota de si mesmo, o seu Espírito.

Por isso, não nos podemos ficar pelo plano conjuntural e episódico. Por aquilo que sucede no exterior. Pelo olhar superficial de quem transita pelo mistério de Deus como um turista. Devemos olhá-lo bem por dentro, entrar no seu coração, submergirmo-nos no *habitat* natural do assombroso mistério de amor que celebramos. Procurar que o desejo de Deus de comer connosco a sua Páscoa se transforme também no nosso desejo: o desejo de nos convertermos naquilo que comemos, querendo ser como Ele, pão partido e repartido.

Conhecemos de cor e salteado os textos da Última Ceia. Temo-los lido e meditado ano após ano. São-nos familiares todos os seus meandros. Percorremos palmo a palmo cada palavra e analisámos detalhadamente cada gesto. Poucas coisas novas nos podem ser sugeridas. No entanto, os textos da Paixão são completamente inovadores. Dinamitam qualquer estereótipo de Deus que possamos ter. Qualquer consenso estabelecido com o texto sagrado vai pelos ares perante um Deus subversivo e inquietante, que se cinge com uma

toalha e se faz pão. Este amor até ao extremo revela-se irresistível e transbordante. A única forma de o apreender é entrar no seu caudal e submergirmo-nos lentamente, nadar através do texto e aceitar que o mar se feche de novo depois de o atravessarmos¹.

Estamos tão acostumados a um Deus que se entrega num pão e se cinge com uma toalha que isso já nem sequer nos impressiona. Para nos voltarmos a surpreender, tomei emprestado para este dia o título de uma obra ma-

¹ Esta ideia provém de uma passagem lindíssima de Luis Alonso Schökel: «Quando termina a explicação, começa de verdade a leitura: cada um a sós com o texto, a sós consigo mesmo. É a última prova da arte de ler [...]. Quando, por fim, uma pessoa fica a sós com o texto e depois a sós consigo. Quando a leitura se torna mais lenta ou se detém no silêncio. É o momento da verdade, quando o ser, o homem, Deus, se comunicam. Deus com o homem, o povo com Deus, é a verdade da Bíblia. Os olhos movem-se mais depressa do que os lábios, a mente, mais veloz do que os olhos. Travem os lábios, pronunciando, a pressa dos olhos; trave a contemplação a curiosidade da mente. Devemos deixar algo nosso no livro amado: ao separarmo-nos, lancemos, de costas, a nossa moeda na fonte. As suas águas far-nos-ão voltar. É preciso conhecer o mar por dentro, percorrendo-o a nado. Nós abrimo-lo, ele fecha-se por detrás» (L. ALONSO SCHÖKEL, *Hermenéutica de la Palabra*, vol. I [*Hermenéutica bíblica*], Cristiandad, Madrid 1986, 214-215).

ravilhosa de Christian Bobin, *El Bajísimo*². Trata-se de uma original biografia de São Francisco: uma percepção penetrante, interior e magistral do *poverello* de Assis. O título é ótimo para destronar o habitual epíteto de «o Altíssimo», pondo no seu lugar uma imagem de Deus mais conforme à revelação de Jesus. O Deus Baixíssimo agacha-se como um servo para nos lavar os pés. Segundo o Evangelho de João, o amor até ao extremo, descendo em voo picado, concentra-se numa toalha; segundo os sinóticos, esse amor fica encerrado dentro de um pão. São estas as duas faces do díptico que desenvolveremos em seguida.

² C. BOBIN, *El Bajísimo*, El Gallo de Oro, Bilbao 2016. [*Le Très bas*, no original francês. Esta obra está disponível em português com o título *Francisco e o Pequenininho*, numa edição da Editorial AO, 2014 – N.T.].

Índice

<i>Introdução</i>	5
Capítulo primeiro	
O Baixíssimo	
<i>Reflexões para uma Quinta-Feira Santa</i>	11
1. Todo o amor numa toalha	17
1.1. Depôs o manto	23
1.2. Cingiu-se com uma toalha	27
1.3. Começou a lavar-lhes os pés	32
1.4. Compreendestes o que vos fiz?	35
2. Todo o amor num pão	38
2.1. Como uma mãe	38
2.2. Deixar-se comer	42
2.3. Um povo humilde e pobre	44
2.4. A festa da fraternidade	46

Capítulo segundo

Onde morre a morte

Reflexões para uma Sexta-Feira Santa 51

1. Sem figura, sem aparência,

sem esplendor 55

1.1. Quando a realidade não coincide
com a aparência 56

1.2. A denúncia silenciosa dos corpos
torturados 60

1.3. A potência da revelação nos corpos
deformados 68

2. Um Crucificado sorridente 74

2.1. A maternidade feita sorriso 76

2.2. Entregar o rosto no sorriso 81

2.3. Eu estou a fazer algo novo 84

2.4. O amor, bagagem da nossa existência 88

Capítulo terceiro

Ver uma voz: «Maria-Rabunnî»

Reflexões para um Sábado Santo 93

1. Da confusão de vozes à sede 101

1.1. Abrir passagem por entre uma
confusão de vozes 102

Índice

1.2. A voz converte-se em sede	108
2. Para encontrar a fonte	112
2.1. De noite iremos	112
2.2. A sede nos alumia	117
3. Maria-Rabunnî	124
3.1. Quando se o vê a Ele, mas ainda não se vê a sua voz	125
3.2. O seu nome, mas dito por Ele	128
<i>Índice</i>	133